

GUILHERME AUGUSTO CORDEIRO DA SILVA



TRABALHANDO ESCULTURA EM SALA DE AULA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

GUILHERME AUGUSTO CORDEIRO DA SILVA

TRABALHANDO ESCULTURA NA SALA DE AULA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Cláudia Regina dos Anjos

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Silva, Guilherme Augusto Cordeiro, 1967
Praticando Escultura na Sala de Aula: Especialização em Ensino de
Artes Visuais / Guilherme Augusto Cordeiro da Silva. – 2013.
45 f.

Orientadora: Cláudia Regina dos Anjos

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Anjos, Cláudia Regina dos. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.
Praticando Escultura na Sala de Aula.

CDD:



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Praticando Escultura na Sala de Aula*, de autoria de Guilherme Augusto Cordeiro da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Cláudia Regina dos Anjos - Orientadora

Verona Campos Segantini

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Para minha mulher, Miriam,
Companheira de todas as viagens.

“Só o professor pode tornar a Arte, ingrediente essencial para favorecer o crescimento do cidadão como fruidor de cultura.”

Ana Mae Barbosa

RESUMO

O presente trabalho desenvolve oficinas a serem ministradas nos anos finais do ensino fundamental sobre a compreensão histórica, estética e prática da escultura enquanto modalidade artística. Pesquisa estratégias de abordagens pedagógicas, a partir de referências históricas e conceituais de alguns movimentos/ tendências. Sugere práticas que estimulem a percepção espacial, através da construção tridimensional, viabilizando materiais alternativos e técnicas possíveis de serem executadas dentro do ambiente escolar. A pesquisa produziu um material didático formatado como plano de aula, detalhando a prática em - Metodologia, Recursos didáticos e Cronograma de todos os conteúdos- podendo assim ser usado como referência em qualquer escola,

Palavras-chave: Escultura. Concretismo. Papelão reciclado. Linha no espaço. Modelagem . Ensino de Arte . Relevo.

LISTA DE FIGURAS

Figure 1:-

http://silvestrejoaodesouzajunior.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html....13

Figure 2: <http://www.matraqueando.com.br/tag/onde-comprar-em-bichinho-tiradentes>

.....13

Figure 3 <http://historiaparamisalumnos.wordpress.com/2012/03/20/caracteristicas-de-la-escultura-egipcia/>

.....14

Figure 4..

http://www.historia.templodeapolo.net/personalidades_ver.asp?cod_personalidade=32&value=Anax%C3%A1goras&civ=Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Gregas&local=Atenas.....15

Figure 5: <http://ginapsi.wordpress.com/2009/11/21/rodin-bahia/>

.....15

Figure 6:

<http://eatarte.blogspot.com.br/2012/boca-boca.html>

.....16

Figure 7:

[http.usc.edu/schoos/annenbergaasc/projects/comm544/library/images/393bg.jpg](http://www.wikipaintings.org/en/constantin-brancusi/the-kiss-1910).....16

Figure 8: <http://www.wikipaintings.org/en/constantin-brancusi/the-kiss-1910>.....16

Figure 9: <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/2001/retratos/henrymoore.html>

.....17

Figure 10: <http://www.friendsofart.net/en/art/jean-arp/star-in-a-dream>

.....17

Figure 11: <http://quetalumcafe.blogspot.com.br/2011/09/os-mobiles-de-alexander-calder.html>.....

.....18

Figure 12: <http://www.likeyou.com/en/node/21437>.....

.....18

Figure 13: http://imagenscomtexto.blogspot.com.br/2008_12_01_archive.html.....

.....19

Figure 14 : http://www.terra.com.br/istoe-temp/1652/artes/1652_fora_escala.htm....

.....19

Figure 15: <http://tombailey1.wordpress.com/2012/01/12/anthony-caro/>.....

.....19

Figure 16 <http://nuvemsobreatlantico.blogspot.com.br/2005/10/amilcar-de-castro-pinturas-e.html>.....

.....19

Figure 17 <http://meninasemarte.wordpress.com/tag/tomie-ohtake/>.....

.....20

Figure 18 <http://www.desenhoonline.com/site/as-esculturas-hiper-realistas-de-ron-mueck/>.....

.....20

Figure 19..http://www.egodesign.ca/en/article_print.php?article_id=258.....

.....20

Figure 20... <http://www.anitaschwartz.com.br/noticia/escultura-quota-baleiaquot-de-angelo-venosa-escolhida-como-segunda-obra-mais-importante-no-rio-de-janeiro>.....

.....22.

Figure 21..Aluna da "Escola Estadual Joaquim Gomes" .(foto pessoal).....

.....25

Figure 22.Trabalho de aluno (foto pessoal).....	27
Figure 23.. Aluna da "Escola Estadual Joaquim Gomes".(foto pessoal).....	27
Figure 24.	
http://www.mercedesviegas.com.br/expos/artecontemporanea/venosa2.htm	29.
Figure 25. http //www.revistaplace.com.br/site/index.php/blog.html?start=36n	29
Figure 26..... A linha - barbante.-mostruário (foto pessoal).....	30
Figure 27..... A linha no espaço.-mostruário (foto pessoal).....	30.
Figure 28.....Introdução ao relevo - mostruário.(foto pessoal)	32.
Figure 29.....Relevo total - mostruário.(foto pessoal).....	32.
Figure 30...A linha no espaço - trabalho de aluno . (foto pessoal).....	331
Figure 31..... Relevo total - trabalho de aluno.(foto pessoal).....	33.
Figure 32 a/b/c/..Piramide de tres lados (foto pessoal).....	36.
Figure33 a/b/c/d..Escultura simétrica (foto pessoal).....	36.
Figure 34..Escultura de argila / Versão em papelão (foto pessoal).....	37
Figure 35..Modelagem em argila - trabalho de aluno. (foto pessoal).....	37.
Figure 36.. Modelagem em argila - trabalho de aluno. (foto pessoal).....	37.
Figure 37.. Modelagem em argila - trabalho de aluno. (foto pessoal).....	37.
Figure 38.. - https://www.carbonogaleria.com.br/obra/sem-titulo-2	38.
Figure 39 a/b..Peça em argila e guilhotina .. (foto pessoal).....	41
Figure 40 a/b.Laminação em argila e em papelão (foto pessoal).....	41.
Figure 41 a/b....Escultura laminada em papelão (foto pessoal).....	42
Figure 42 a/b.Escultura em acetato..(foto pessoal).....	42.
Figure 43 a/b. Escultura em acetato (foto pessoal).....	42.
Figure 44.. A linha no espaço - trabalho de aluno. (foto pessoal).....	43.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1-ESCULTURA : UM BREVE HISTÓRICO	15
1.1 - Modernismo	15
1.2 Concretismo.....	18
1.3 Atualmente.....	20
1.4- Arte educação.....	20
2-ESCULTURA : UMA BREVE HISTÓRIA PESSOAL.....	23
Histórico	24
. Divisão metodologica	25
Desafios.....	26
Arte e Geometria.....	27
.Contemporaneidade	29
3- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	30
MODULO 1	30
PLANO DE AULA – Modulo 1.....	31
Modulo 1 - Considerações.....	32
MODULO 2.....	34
PLANO DE AULA – Modulo 2.....	34
Modulo 2 - Considerações.....	37
Modulo 3.....	38
PLANO DE AULA – Modulo 3.....	40
Modulo 3 - Considerações.....	42
Considerações finais.....	43
Notas.....	46
Referencias Bibliograficas.....	47.

1 INTRODUÇÃO

Bacharel em escultura, comecei a lecionar Arte na educação básica em 2007.

Desde o primeiro ano quis introduzir a prática de escultura em meu plano de aula e logo de início me deparei com os muitos desafios. Começavam por problemas relacionados à falta de condições das escolas, e se estendiam por questões conceituais e pedagógicas.

O que ensinar, como ensinar, para qual faixa etária, que material usar, ou como resolver a falta de materiais, ferramentas e estrutura adequada nas escolas, eram questões que se surgiam logo no início. Com o tempo, porém, outras questões mais complexas vieram.

Como não deixar o ensino de escultura cair em direção ao tecnicismo, presente nas oficinas de artesanato e prendas manuais, tão comuns entre as escolas da região? E por fim, como integrar o conhecimento teórico à prática do aluno?

Apesar de na época não conhecer Ana Mae Barbosa e sua abordagem triangular, eu sempre organizava uma explanação teórica sobre o assunto, promovia a prática e por fim, uma reflexão sobre o trabalho do aluno. Porém, algumas coisas não se encaixavam no grande jogo de erros e acertos que foram minhas experiências. Não conseguia concretizar minhas intenções de maneira clara e coerente.

Ao decidir o tema do meu projeto - “Praticando Escultura na Sala de Aula”, o fiz para tentar solucionar vários destes problemas.

Precisava traçar um histórico da minha atuação, a fim de ter uma visão distanciada e global do processo, e a partir daí planejar oficinas e sistematizar minhas práticas pelo resultado alcançado.

Objetivos

Dentro do objetivo geral que era trabalhar o conhecimento de escultura enquanto modalidade artística, a pesquisa teve como foco:

- Desenvolver práticas de construção da forma tridimensional por diversos meios, trabalhando as habilidades e competências envolvidas nos processos.
- Aprimorar conteúdo teórico para contextualização histórica da escultura, seguindo a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa.

-Promover reflexões sobre a resposta dos alunos ao planejamento ministrado, consolidando ou descartando estratégias pedagógicas.

Ao termino da pesquisa consegui o meu intuito.

Vários conteúdos ministrados em anos anteriores sofreram alterações objetivas para atenderem minha intenção e resolvi problemas que me acompanhavam desde o início da minha carreira, adotando três atitudes fundamentais para o bom andamento do projeto; Projetei o que queria trabalhar, me organizei para desenvolver as estratégias para os conteúdos ministrados e fiz uma reflexão para aprender com as experiências adquiridas.

A redação deste trabalho se dividiu basicamente em três capítulos.

O primeiro capítulo traça um breve panorama histórico sobre o trajetória da escultura enquanto modalidade dentro da arte.

O segundo capítulo descreve a história da minha relação com a escultura, assim como a historia das minhas praticas de escultura na sala de aula e toda a trajetória que desencadeou na iniciativa deste projeto.

O terceiro capítulo é o registro efetivo e metodológico de toda a pratica pedagógica realizada no decorrer da pesquisa , com registro fotográfico ,reflexões e anotações relevantes para o projeto.

1- ESCULTURA: UM BREVE HISTÓRICO

A escultura é uma modalidade de arte tão antiga quanto a pintura rupestre.

Até o século XX era a única categoria das artes plásticas com três dimensões espaciais: largura, altura e profundidade.

No passado os escultores utilizaram praticamente todos os materiais que se prestavam a receber forma em três dimensões. Até mesmo materiais como areia,



Fig.01-

http://silvestrejoaodesouzajunior.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html

conchas, cristais de rocha e vidro tem seu lugar na história da escultura. Os escultores modernos ampliaram enormemente a diversidade dos materiais: novos metais, aço, materiais artificiais como o nylon e os plásticos vieram somar-se e dar continuidade à antiga tradição de busca da experimentação (Wittkower, 2007, P 3)

Apesar da imensa gama de materiais e procedimentos, seleciono aqui duas

das formas mais tradicionais e usuais de se trabalhar a matéria prima na confecção de uma escultura. A primeira delas é a **modelagem**, técnica onde se retira ou se deposita quantidades de matéria a um volume inicial. Geralmente é feita com matéria auto aderente como argila, massas diversas, a base de água ou cera (fig.01)



Fig.2 <http://www.matraqueando.com.br/tag/onde-comprar-em-bichinho-tiradentes>

A segunda delas é a **cinzelagem** (fig.02), técnica basicamente contrária à primeira, em que apenas se retira matéria de um bloco inicial. Na cinzelagem, a matéria retirada, dificilmente pode ser reposta. Geralmente é feita em pedra, madeira e em materiais sintéticos como o isopor.

A escultura de pedra assim como todo o trabalho em pedra, segundo Wittkower (2007,p 3) “Deve ser visto como a primeira extensão eficaz da mão humana e datam conseqüentemente, do despertar da civilização humana.” De lá para cá ela evoluiu

historicamente, lado a lado com as outras formas de arte, tendo entre elas, a pintura como sua companheira mais constante.

Desde o alvorecer das sociedades humanas, a arte transitou por incontáveis caminhos, formais e conceituais. Na pré-história assumiu um caráter mágico e mítico. Segundo Gombrich :

“A explicação mais provável para a arte rupestres é a de que se trata das mais antigas relíquias da crença universal no poder produzido pelas imagens, dito em outras palavras, ao que parece, esses caçadores primitivos imaginavam que, se fizessem uma imagem de sua preza- e até a espicaçassem com bancas e machados de pedra, os animais verdadeiros também sucumbiram ao seu poder” (1995 p 42) .

No alvorecer dos grandes impérios, a arte esteve em comunhão com o sagrado.

Atingiu o realismo físico na civilização greco- romana, e caminhou lado a lado com o cristianismo por séculos e séculos no ocidente.

A escultura, como parte integrante de todo esse processo, apresentou ainda questões adicionais, relacionadas à sua própria natureza tridimensional. Se a pintura e o desenho criavam um ambiente descritivo, a escultura se fazia autônoma enquanto objeto físico passível de diálogo com o espaço circundante.

Na cultura egípcia, por exemplo, a arte girava em torno da figura divina do faraó e das crenças na vida depois da morte. As estátuas produzidas desde 2.700 a.c. a 700 a.c.



fig.03-

<http://historiaparamisalumnos.wordpress.com/2012/03/20/caracteristicas-de-la-escultura-egipcia/>

serviam para substituir o corpo decomposto do soberano. As esculturas eram produzidas de acordo com as regras rígidas estabelecidas, onde o que importava não era a beleza, mas a clareza, ou seja, as figuras tinham que ser representadas em seu melhor ângulo. Por esse motivo, grande parte das esculturas egípcias era rígidas, estáticas e feitas para serem vistas frontalmente (fig.03.).

(Site: <http://www.cccv.org.br/galeria/vilar/escultura.htm>)

Na cultura grega que valorizava a beleza física, a escultura ganhou mais realismo e conseqüentemente mais sensação de dinamismo entre o século IV a.c. ao século I a.c.. Enquanto que para os egípcios o que importava era a transcendência, o mundo além, os gregos se interessavam pela visualidade deste mundo, pois na sua religião não havia uma figura tão poderosa quanto o Faraó. Paralelamente a isso havia o



(fig.04)

http://www.historia.templodeapolon.net/personalidades_ver.asp?cod_personalidade=32&value=Anax%C3%A1goras&civ=Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Gregas&local=Atenas

grande culto ao atletismo que dominava a sociedade grega. Os templos estavam sempre cercados de estatuas de atletas vitoriosos, dedicados aos deuses. A ideia de que era importante usar toda a estrutura do corpo - suas principais articulações, por assim dizer para fazer entender como o conjunto se mantinha unido coeso, instigou os artistas a continuarem explorando a anatomia dos ossos e músculos a formar uma imagem convincente da figura humana, a qual permanece visível mesmo sob a ondulado da roupagem (fig.04).

(Gombrich, 1995,p 89)

MODERNISMO

Quando, na segunda metade do Sec. XIX, após séculos de herança greco-romana, a pintura decreta sua independência da função de ilustração literária com o impressionismo, temos atitude semelhante na escultura com August Rodin. O escultor teve a ideia original, (inspirado pelas ruínas clássicas) de fazer figuras truncadas ,torsos sem membros e/ou sem cabeça (fig.05) , que na época se pensava revelarem um pendor sádico ,



(fig.05)

<http://ginapsi.wordpress.com/2009/11/21/rodin-bahia/>

mas que tiveram o importante efeito de elevar a escultura acima do âmbito da

temática normal situando-a numa esfera em que suas qualidades abstratas de linha massa e tensão dominassem abandonando por vezes a tendência costumeira à contextualização e a narrativa, expondo ao expectador, à materialidade crua das partes anatômicas.(Lynton, Norbert,1966, p68)

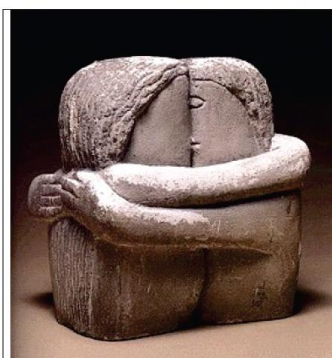
Por fim, no século XX, quando a arte se liberta de amarras multisseculares, a escultura também se vê livre para explorar diretamente as inúmeras questões ligadas à sua corporeidade. A arte então deixou de servir à religião, à história e à própria função de representação. Segundo Gombrich (1950, p584/585):

"(...)o artista moderno quer criar coisas. A Ênfase esta em criar coisas. Ele quer sentir que realizou algo que não existia . Não apenas a cópia de um objeto real, por mais habilidosa , não apenas uma peça de decoração , por mais engenhosa , mas algo mais importante e duradouro do que ambas , algo que ele sente ser mais real do que os objetos vulgares da nossa trivial existência".

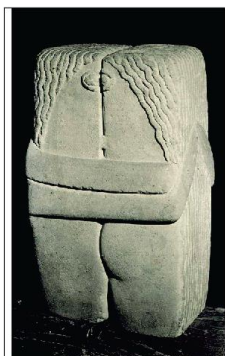
Segue a arte para trabalhar os seus próprios assuntos, como suas técnicas, percepção plástica, cores, elementos gráficos, texturas, etc. A pintura, por exemplo, se voltou para o fato de que ela era, antes de tudo, uma superfície plana coberta de tinta, e como tal, abandonou a ilusão da profundidade, criada na arte clássica. O desenho também se voltou para questões como a espontaneidade do gesto, o realce dos diversos elementos gráficos, e assim por diante.

E a escultura?

A escultura se concentrou, obviamente, em questões da sua natureza tridimensional, como percepção espacial, interação entre volumes e linhas, expressividade do material e outras coisas que iam bem além daquela tendência realista do passado.



(fig.06)
<http://eatarte.blogspot.com.br/2012/10/boca.html>



(fig.07)
<http://www.usc.edu/schools/annenberg/asc/projects/comm544/library/images/393bg.jpg>



(fig.08)
<http://www.wikipaintings.org/en/constantin-brancusi/the-kiss-1910>

No início do sec. XX, ela parte para a simplificação e estilização das figuras. Dois

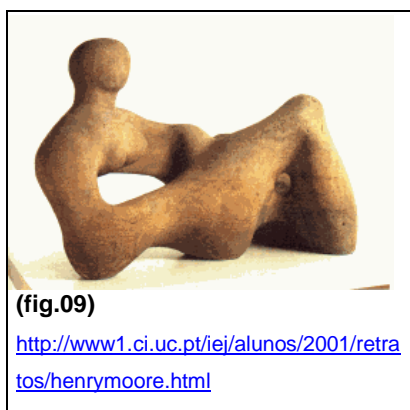
grandes exemplos dessa tendência podem ser conferidos nas obras de Henry Moore e Constantin Brancusi.

Brancusi foi um escultor romeno que se mudou para Paris em 1904. Apesar das habilidades adquiridas na escola de artes, e da influencia que sofreu de Rodin, renegou a escultura naturalista, apelidadas por ele de "bife", por se propor a reproduzir a carne de maneira tão real. Foi então em direção aos extremos da simplificação, contradizendo de certa maneira, uma questão levantada por Michelangelo, a maior autoridade da escultura ocidental dos quatro últimos séculos. A ideia de escultura de Michelangelo era revelar a forma que parece estar adormecida no bloco de mármore e dar vida e movimento a suas figuras preservando o simples contorno da pedra. Brancusi por outro lado, queria descobrir quanto o escultor pode preservar o aspecto original da pedra, enquanto a transforma na sugestão de corpo humano. Durante vários anos ele trabalhou na sua concepção de um grupo representando um beijo na forma de um cubo (fig.06, 07 e 08) (Gombrich,1950, p.580/581),

A fidelidade ao material marcou também a obra do escultor inglês Henry Moore(1898-1986). Segundo E H. Gombrich(1950-pg585),

"Moore não principiava olhando para o modelo ; principiava olhando para a pedra. Queria "fazer alguma coisa "dela. Não fragmentar la nem reduzi-la em pedaços , mas tateando-a e procurando descobrir a que a pedra "queria". Se ela se convertia em sugestão de uma figura humana, ótimo. Mas até mesmo nessa figura, Moore queria preservar algo de solidez e simplicidade de uma rocha. Ele não quiz fazer uma mulher de pedra, mas uma pedra sugerindo uma mulher". (fig.09)

Em 1912 a pintura abstrata vai ser inventada, acontecendo em dois lugares da Europa, simultaneamente Na Alemanha, com Vasily Kandinsky e na França com



Robert Delaunay. A escultura livre da obrigação histórica e antiga substitui os velhos temas narrativos pela importância da qualidade dos materiais com suas possibilidades de construção. E cada material tem sua gama de possibilidades e consequentemente sua poesia, seja ele o nobre mármore ou o moderníssimo



plástico. Grandes nomes exploraram tendências da escultura abstrata.

Jean Arp (1886-1966) foi um escultor francês que trabalhou formas abstratas (fig.10), sinuosas e orgânicas, radicalmente despojadas e resultantes de pesquisas de materiais

(http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/abstracao/jean_arp/index.html)

O escultor norte-americano Alexander Calder se revelou outro importante nome por inventar um tipo de escultura que se faria imensamente popular no Século XX , os mobiles. Embora tenham posteriormente dado origem a brinquedos mundialmente conhecidos, os mobiles-esculturas construídas para ser penduradas e se

movimentarem (fig.11) - foram pensados para refletirem leis matemáticas do universo;



(fig.11)

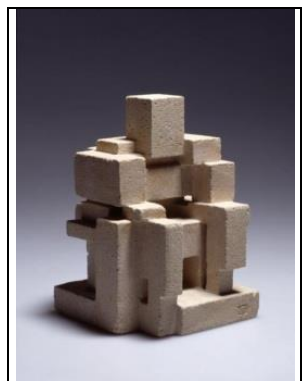
<http://quetalumcafe.blogspot.com.br/2011/09/os-mobiles-de-alexander-calder.html>

para Calder, porém, essa arte não podia ser rígida e estática. O universo está em constante movimento, mas conserva-se coeso em consequência de misteriosas forças de equilíbrio; e foi essa ideia de harmonia que inspirou Calder na construção de seus móveis. Ele suspendeu formas de diversos tipos e cores e fê-las circular e balançar no espaço. A palavra equilíbrio deixava assim de ser mera figura de linguagem (Gombrich, 1950 ,p 583/584)

Concretismo

Uma grande e significativa tendência na escultura do séc. XX foi a união da arte abstrata com a geometria, que floresceu em movimentos como o Construtivismo Russo da década de 1920 e a chamada de Arte concreta, a partir da década de 1930. Ela vai ser caracterizada por sólidos de superfícies e ângulos exatos. Nas suas confecções, os artistas procuravam transmitir a exatidão do fazer tecnológico, inspirados pela precisão matemática. Alguns representantes característicos da escultura de inspiração geométrica são o russo Naum Gabo, o holandês Georges Vantongerloo (fig.12) o Suíço Max Bill. Dono de um

estilo inconfundível, Naum Gabo criou obras que ocupavam o espaço sem que para isso, se utilizassem de volume maciço. Empregou materiais que ofereciam a máxima



(fig.12)

<http://www.likeyou.com/en/node/21437>

insubstancialidade. (fig.13).

O desenvolvimento dos plásticos veio em seu auxílio, e participou de uma longa série de construções

baseadas neste material versátil. A escultura, sem deixar de ser apreensível como objeto físico, atingiu então uma extraordinária fluência e lirismo. (Lynton, Norbert,1966,p130)



(fig.13)

http://imagenscomtexto.blogspot.com.br/2008_12_01_archive.html

Max Bill, adepto ao Manifesto Arte Concreta (Konkrete Kunst) proposto por Theo Van Doesburg em 1930, desenvolveu atividades em quase todos os ramos da arte , pintura, escultura, arquitetura e design gráfico, com excelência no acabamento e no rigor da



(fig.14)

http://www.terra.com.br/istoe-temp/1652/artes/1652_fora_escala.htm

composição. Dizia ele - "... As novas formas de expressão típicas para nossa época são necessárias para a construção de uma ponte entre o mundo da ciência e da técnica e a arte.".Em 1941, o escultor veio ao Brasil e à Argentina, onde apresentou suas ideias e obras ao público dos dois países. Dez anos depois, foi convidado a participar da Primeira Bienal de São Paulo e ganhou o prêmio aquisição com a obra Unidade Tripartida(fig.14).

http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/max_bill/index.htm



(fig.15)

<http://tomb=ailey1.wordpress.com/2012/01/12/antony-caro/>

Como andava em consonância com as novas tecnologias, a escultura concreta se beneficiou enormemente da solda elétrica, que, aperfeiçoada na década de 1940, revolucionou o uso industrial do aço. A chapa de aço então, cortada, dobrada e soldada, se apresentou como mais opção de



(fig.16)

<http://nuvemsobreoatlantico.blogspot.com.br/2005/10/amilcar-de-castro-pinturas-e.html>

suporte físico, sendo fundamental para o processo criativo de artistas como o inglês Antony Caro (fig.15),

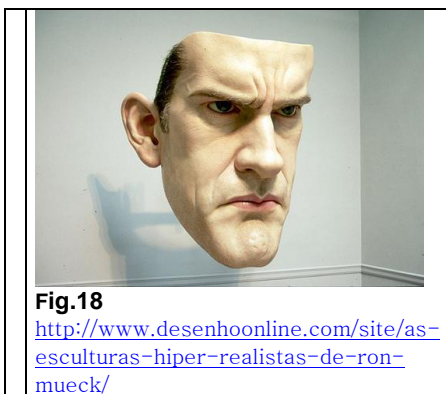
o americano David Smith e o brasileiro Amilcar de Castro (fig.16).

Atualmente

Numa era onde o panorama artístico é multifacetado, a escultura segue caminho, transitando em meios aos ready mades, instalações, intervenções, arte eletrônica, novas linguagens e formatos.

A escultura contemporânea ao contrario da moderna, não rompe com o passado, ao invés disso, assimila lições dele. Não só se beneficia das valorosas lições deixadas pelo modernismo, como também faz as pazes com o realismo, banido da vanguarda artística no inicio do sec. XX.

E nesse cenário mundial podemos encontrar obras tão disparees quanto a



linha no espaço da Nipo brasileira Tomie Onthake (fig.17) o hiperrealismo de Ron Muek (fig.18) e o trabalho do francês César Badalccini, inspirado em materiais

sinteticos como o plástico (poliuretano), o aço (fig.19) e suas possibilidades de manipulação por técnicas da nossa civilização industrial.



Fig.17-
<http://meninasemarte.wordpress.com/tag/tomie-onthake/>



Arte educação

A arte, ao longo dos tempos, tem se relacionado com a realidade humana através de sua dupla natureza, a de influenciadora e de influenciada. Nos dois últimos séculos se aprimorou na vocação de nos trazer novas mentalidades e formas de percepção da vida ao nosso redor.

A arte educação, inevitavelmente segue esses caminhos, a uma distância maior ou

menor da vanguarda, dependendo das variáveis políticas e sociais, formação de docentes, etc.

Como arte educador, tenho a plena convicção de que um professor conectado com o seu tempo, deve fazer das revoluções trazidas pela arte, matéria prima para suas estratégias pedagógicas.

A arte educadora Ana Mae Barbosa na sua abordagem triangular recomenda o trabalho com qualquer conteúdo pela contextualização, prática e apreciação -leitura- de obras. Dentro deste entendimento do que seja "leitura" tenho observado uma quase banalização por parte dos arte-educadores da minha região, de adotar o hábito de releitura desta ou daquela obra famosa .

Em minha opinião, mais importante que direcionar o foco para "Monalisa", "Abaporu" ou " O Lavrador de café " é tentar apreender determinado movimento enquanto mentalidade ou visão dentro da arte.

Porque se deter em determinada obra de Monet se o impressionismo como um todo representa uma revolução tão significativa e tão importante, ainda hoje, para a educação do olhar?

Porque se contentar com a releitura de "Domingo à Tarde na Ilha da Grande Jate" se o Pontilhismo enquanto movimento nos convida ao entendimento da imagem pelas suas menores partículas, e que tal processo pode ser usado inclusive, para o entendimento dos pixels que formam as imagens digitais? É com esta visão que penso na prática da escultura, trabalhando determinado movimento ou tendência estética.

A prática de construção básica e intuitiva da forma tridimensional que é a modelagem, por si só, já representa grande diferencial como experiência pratica, no ensino da arte. Entretanto, a escultura, principalmente depois de Brancusi, adquiriu novas pretensões e nuances que vão além da imitação do real, perseguida por aprendizes.

Como exemplo neste capítulo, foi citado a abstração gestual de Jean Arp, a linha tridimensional de Naum Gabo, o Concretismo de Vantongerloo e Max Bill, entre outros. Os mobiles de Calder nos abrem as portas para as possibilidades da arte cinética, e através da reciclagem, conceito tão propagado no nosso tempo, poderíamos trabalhar a sucata em experiências diferentes; pela transformação plástica, a exemplo do francês César Badalccini ou resgatando o aspecto lúdico, a

exemplo do cearense Luiz Hermano.

Poderia ainda fazer referência a outras tendências como, a fragmentação do Carioca Ângelo Venosa (fig.20); ou até mesmo das esculturas etéreas de Roberta Silva.

A lista de técnicas, materiais, abordagens e procedimentos parecem interminável, nos levando a inúmeras possibilidades dentro do ensino de arte na educação básica.

e por mais que o educador planeje a contextualização dessas tendências e possibilidades, ao promover a prática ele

deverá fazer escolha por uma ou algumas delas, a partir das sua empatia e afinidade pessoal ,

pois segundo Barbosa(2003,p14) : -"Sem a experiência do prazer da arte, nenhuma teoria de arte educação será reconstrutora" .

Baseado nessa afirmativa acredito que nenhum arte educador possa definir alguma estratégia de

oficina, sem se entregar a ela como artista/agente inserido no processo criativo, se

divertindo, explorando as nuances e possibilidades de construção para auxiliar seu aluno, e também para aprender com

ele no decorrer da oficina.

Todas as praticas de confecção desenvolvidas neste projeto foram feitas por mim, ou adaptadas a partir de sugestões. Em varias delas, o projeto inicial foi modificado pelo aprendizado com a prática e pela preocupação com a dificuldade de execução, quando me coloquei no lugar do aluno.

Outra observação que faço sobre o trabalho com a forma tridimensional na educação básica, é que quase sempre que ele ocorre, é direcionado de maneira tecnicista, onde a razão maior do aprendizado se subordina ao aprimoramento tecnico. Embora, para muitos pedagogos e professores sem graduação especifica na área, as praticas em escultura se confundam com artesanato, trabalhar escultura na educação é usar técnicas como escada para se chegar à determinadas competências e habilidades, ao invés de ficar subordinada a elas.

Em vários momentos da minha trajetória tive que alterar e adaptar a técnica, por razões de segurança, impossibilidade de aquisição de determinados materiais no ambiente escolar, ou mesmo diferenças financeiras e de suporte entre uma escola e



(fig.20)

<http://www.anitaschwartz.com.br/noticia/escultura-quota-baleiaquot-de-angelo-venosa-escolhida-como-segunda-obra-mais-importante-no-rio-de-janeiro>

outra.

Desta maneira, a escultura geométrica, foi trabalhada, substituindo a chapa de aço, inicialmente pelo cartão duplex, e posteriormente (graças a falta de verba da escola) pelo papelão reciclado, com grande vantagem.

A linha no espaço ganhou corpo através do arame galvanizado e do arame de alumínio. Trabalhos que se utilizariam de vidro, explorando a transparência, foram construídos com acetato e a própria argila usada em modelagem, chegou a ser substituída em certa ocasião, por jornal amassado, fita crepe e massa corrida.

As práticas desenvolvidas ao longo desse projeto foram escolhidas por contemplarem importantes competências e habilidades, por exigirem pouco ou nenhum recurso logístico além dos encontrados nas escolas e, sobretudo por não excederem em suas práticas, a um tempo razoável dentro do planejamento anual letivo.

Por fim, numa era marcada pela relação do homem civilizado com a informação virtual, sempre vale lembrar que a escultura consegue o que a novíssima tecnologia das imagens em 3D, apenas simula: se projetar no real

2- ESCULTURA : UMA BREVE HISTÓRIA PESSOAL

A minha relação com a escultura começou cedo, através da modelagem.

Meu avô tinha uma olaria na cidade de Teófilo Otoni- interior de Minas Gerais e por isso sempre tive oportunidade de criar formas e coisas com argila.

Também sempre fui considerado bom desenhista quando menino. Tinha desenhos cobiçados por colegas, e às vezes até era desafiado por outros colegas, também considerados bons desenhistas.

Esses meninos geralmente desenvolviam estilos variados de acordo com as próprias habilidades e preferências. Tinham aqueles que desenhavam figura humana como eu, outros exibiam orgulhosamente carros e caminhões fantásticos, outros, animais, flores, tribais, dragões, e por ai vai. Tinham os coloristas e aqueles que só gostavam de desenhavam em preto e branco.

Eu tentava transitar entre as diversas preferências e interagir o máximo possível com meus colegas "artistas".

Porem, em uma atividade sempre me vi solitário, a do manuseio com a argila, bem como em qualquer pratica voltada para a escultura. Sempre encontrei muitos colegas que se definiam, ou eram definidos como desenhistas ou pintores, mas nenhum que se definisse como escultor.

Desta escassez posso falar, não só usando as memórias de menino do interior de Minas, no passado, mas também a experiência de professor no presente.

Por ser bacharel em escultura, comecei minha carreira docente com a vontade de trabalhar tal modalidade plástica na sala de aula e me deparei com a ausência generalizada de experiências previas por parte dos alunos. Muitos, sequer não sabiam definir o que é escultura, nem mesmo arriscavam uma definição genérica, e quando arriscavam, citavam as estátuas de praça publica apenas.

Também tenho percebido que os jovens desenvolvem habilidades manuais influenciados pelo *graffiti*, ou pelo mangá, estilo japonês de história em quadrinhos, mas quase nunca tem oportunidade de fazer ou desenvolvem interesse na construção da forma tridimensional. Associado a isso, o trabalho com escultura como prática pedagógica é relativamente escasso. Faço tal afirmação não só a partir da minha constatação pessoal, mas também pela constatação da carência de material publicado nas bibliotecas.

Na procura de material específico sobre escultura na arte educação para a realização desse projeto, minha pesquisa se restringiu a alguns sites como os exemplos abaixo:

[*http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/esculturas-sabao-coco-651319.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/esculturas-sabao-coco-651319.shtml)

[*http://revistaescola.abril.com.br/planos-de-aula/ei/cm_linguagem-visual_escultura-e-espacialidades.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/planos-de-aula/ei/cm_linguagem-visual_escultura-e-espacialidades.shtml)

[*http://www.google.com/m?q=escultura+escola&client=ms-opera-mini&channel=new](http://www.google.com/m?q=escultura+escola&client=ms-opera-mini&channel=new)

Busco com meu projeto, sistematizar as praticas já desenvolvida por mim, ao longo de sete anos de docência em arte na educação básica, além de dar alguma contribuição ao pequeno volume de trabalhos dedicados ao conteúdo.

Histórico

Desde o ano de 2007, venho gradualmente introduzindo, por meio de erros e acertos, praticas que envolvam a construção da forma tridimensional.

Tinha desde o início, vontade de trabalhar em sala de aula, a união da arte com a geometria, seguindo a tendência concretista que tanto marcou o século XX.

Minhas primeiras turmas no fundamental foram quintas séries (atual 6º ano, de acordo com a nomenclatura que passou a valer em 2009)

A primeira tentativa de trabalhar o raciocínio concreto com manuseio de papelão foi rechaçada pelos alunos que reagiram com dificuldade diante da prática proposta.

No ano seguinte lecionei na sexta série (atual 7º ano) da Escola Estadual Joaquim Gomes, situado em uma região extremamente carente da cidade de Coronel Fabriciano-Minas Gerais.

O resultado foi extremamente satisfatório. Alunos que, a princípio, não conseguiam fazer uma medição correta com régua, ao longo de alguns meses, conseguiram não só criar pequenos sólidos geométricos por corte, dobradura e cola (pirâmide e cubo), como criaram formas complexas, resultantes dos processos citados (fig.21).



Fig.21

Desde o segundo ano de magistério, cheguei à conclusão, por experiência própria, que no sexto ano do ensino fundamental, deveria trabalhar o início do processo de construção tridimensional, deixando os alunos livres para improvisarem dentro do procedimento de corte, cola e dobradura de papelão reciclado, e no sétimo ano introduziria, portanto, o raciocínio da forma geometrizada, também em papelão. O papelão reciclado não foi a primeira opção. Apareceu como substituto do cartão duplex, cuja obtenção era difícil, tanto pela escola, quanto pelos alunos. Entretanto, o papelão reciclado se revelou uma opção viável pela sua gratuidade e por suas características plásticas como resistência e rigidez.

Divisão metodológica

Como era impensável restringir o trabalho a uma só série, não só pelo tempo gasto, quanto também pelo nível de cognição exigida em cada atividade, dividi a proposta em três módulos. Cada qual trabalhado em um ano subsequente.

Modulo1 - Introdução ao relevo.

Destinado ao sexto ano, essa etapa de trabalho tem a intenção de, partir da produção bidimensional/ gráfica, em direção ao relevo parcial e depois relevo total, usando o próprio papel para isso.

Modulo 2 - Arte e geometria: escultura concretista.

Destinada ao sétimo ano, (ou oitavo, visto que na maioria das escolas, a disciplina de Arte só é ofertada em um dos anos do ensino fundamental), essa etapa que trabalha inicialmente a modelagem, tem como objetivo final, a escultura concreta feita em papelão.

Modulo três- Desdobramentos da escultura contemporânea

Destinada ao oitavo ou nono ano, essa etapa busca trabalhar, como o nome diz, tendências contemporâneas. O panorama atual é riquíssimo de tendências e inspiração para o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos com escultura.

Entretanto, como é preciso estabelecer foco em algumas, destas muitas tendências. Fiz, como já disse anteriormente, uma escolha a partir de preferencias pessoais. Entre os materiais trabalhados, introduzi o acetato, pela sua leveza e transparência.

Desafios

Tive ideia inicialmente de trabalhar a terceira dimensão no sexto ano, curiosamente começando pela linha que é um elemento tão primário na construção plástica bidimensional.

Resolvi então correlacionar dois tópicos propostos pela CBC (currículo básico comum) da Secretaria Estadual de Educação / para os anos fundamentais:

2- INTRODUÇÃO A TEORIA DA FORMA- que visa identificar elementos estruturais nas obras de artes visuais, e 5-ELABORAÇÃO DE OBRAS TRIDIMENSIONAIS.

Comecei com exercício gráfico de criação com linha continua, usando a canetinha hidrográfica preta.

Vi na internet (em site que já não me recordo mais), propostas de se trabalhar a linha através do barbante, colada em papelão. Imediatamente reformulei e adaptei meu método. Introduzi cor ao exercício gráfico da linha continua, de maneira que a linha deveria ser de uma cor, e o fundo de outra cor. Orientei aos alunos que usassem tal exercício como estudo para o outro - o com barbante, de maneira que o barbante fosse tingido para ficar tal qual a linha do exercício anterior, e o papelão, pintado, à semelhança do fundo do anterior.

Promovi então o desdobramento da criação com a linha contínua, substituindo o gesto gráfico pelo barbante, que, depois de tingido era aplicado com cola no papelão pintado. Começava assim trabalhar materialidade na obra, representada pelo relevo do barbante. A exigência da linha contínua, por mais restritivo que parecesse ser se fez necessária, em minha opinião por funcionar (sem trocadilho) como um fio condutor entre os procedimentos de criação gráfica e manipulação matérica. Dando prosseguimento a esse raciocínio, quis projetar a linha no espaço. Substitui o barbante pelo arame que é forte leve e maleável, e que por ter a superfície levemente áspera, possibilitou a aderência de tinta à base d'agua. Desta maneira, eu continuava com a linha colorida, só que agora projetada no espaço.

Continuei também com o papelão reciclado tingido. Assim, a prática preservou a correlação entre plano a linha e trouxe essa correlação para o contexto tridimensional. A atividade seguinte foi denominada de "Introdução ao relevo. Nela, abandonei a linha e segui apenas com o papelão reciclado. Além do tingimento da sua superfície, explorei sua



Fig.22

espessura que, por ser de 4mm, diferente de papeis convencionais , produzia relevo significativo ao ser colado ,camada por camada.

A atividade seguinte foi chamada de Relevo total, onde acrescentei a dobra, além do corte e da colagem, na chapa de papelão, criando assim, maiores possibilidades de construção tridimensional.

(fig.22)

Como finalização, veio o trabalho de pintura da superfície.

Arte e Geometria

Enquanto o conteúdo reservado para o primeiro módulo se mostrou adequado, pelo retorno que recebi



Fig.23

das turmas, o conteúdo do segundo módulo foi motivo de constantes experiências e mudanças metodológicas.

O processo de construção da forma geometrizada que propus, consistia em criar sólidos a partir de laminas de papelão por meio de planificações, combinação de ângulos, dobras, encaixes e intersecções de planos.

Trabalhar tal conteúdo em sala de aula implicaria em atingir basicamente três objetivos:

- 1- Aprimorar nos alunos as habilidades necessárias para tais procedimentos.
- 2- Colocar tais habilidades em favor da expressão pessoal
- 3- Contextualizar todo o processo tendo como referência, movimentos históricos.

Vale ressaltar que o desafio tinha ainda como limitação, o tempo.

Por experiência aprendi que o tempo dos conteúdos na educação básica é totalmente diferente do tempo no ensino superior, que busca a especialização, contando com o interesse e inclinação natural do corpo discente.

Na educação básica os conteúdos em arte, raramente conseguem conquistar o interesse das turmas de maneira uniforme. Uma parcela dela sente necessidade de aprofundar em determinado processo enquanto o restante não consegue sustentar esse mesmo interesse de maneira produtiva por mais tempo. Resta ao educador o bom senso de saber que um conteúdo deve ser trabalhado durante o tempo em que dura o interesse por ele na maioria da turma.

Durante os primeiros anos de prática tive conflito sobre como proceder. Inicialmente me delonguei em trabalhar as habilidades que eu julgava serem necessárias nos alunos para a construção de sólidos geométricos. Tracei um projeto ambicioso que as turmas não conseguiram concluir, por dois anos consecutivos; fazer a geometrização de animais silvestres característicos da fauna mineira. Embora alguns resultados fossem satisfatórios (Fig.23), o conjunto não era concluído, para frustração minha e da turma. No terceiro ano resolvi confeccionar modelos em argila que deveriam ser reproduzidos pela técnica trabalhada pela turma. Novamente me vi perdido numa preocupação excessivamente artesanal, tecnicista.

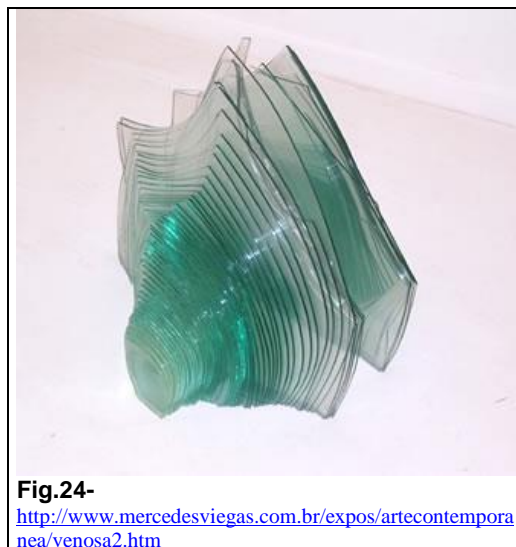
Ao longo do processo, percebi que também a contextualização não ficara a contento. Desde que comecei a lecionar, tenho usado movimentos artísticos ao longo da história para contextualizar boa parte das minhas praticas. Embora estivesse trabalhando a partir do raciocínio concreto, percebi que a maneira de abordar o tema, abrangendo a revolução desde Mondrian, passando pelo construtivismo russo, chegando a Joseph Albers e Oscar Niemeyer, foi

excessivamente complexo. Mostrar a mentalidade inaugurada pelo funcionalismo e o lado filosófico do Concretismo, não se aproximava o suficiente do aluno como incentivo para sua prática.

O conteúdo, como então descrevi, pediria constantes ajustes e reflexões

Contemporaneidade

Para o ano subsequente resolvi trabalhar alguns aspectos da escultura contemporânea. Escolhi inicialmente como referência, o artista Ângelo Venoso, cuja obra me fascina por transitar entre os conceitos do individual e do coletivo . Vários dos seus trabalhos são compostos por peças que formam um todo. Essas peças se integram, produzindo a sensação de coesão e continuidade, e com isso, dotam o conjunto com características de



uma forma individual e única (fig.24) . A partir do seu trabalho desenvolvi duas práticas.

A primeira delas trabalha com o mesmo papelão reciclado das praticas anteriores. Foi proposto a criação de formas volumétricas através da seriação e sobreposição de formas laminares. A segunda pratica continua trabalhando a sensação de continuidade através da seriação, e faz isso com suporte e procedimento diferente. Ao invés de papelão, se utiliza de acetato, por causa da sua transparência, e em cada lamina dessa transparência desenha, com caneta (tipo marcador de plásticos), formas gráficas.

Na interação dessas formas, surge o conjunto tridimensional, exatamente como um dos trabalhos do artista, que tive o privilegio de ajudar a montar, quando era monitor da escola de Belas Artes da UFMG, na inauguração da galeria de lá. (fig.25).

Por fim, todo o conteúdo se destina a sofrer constantes alterações, não só pelo retorno que os alunos dão, como pela atitude que eu, assim como todo arte educador, deve ter que é o compromisso com a evolução.

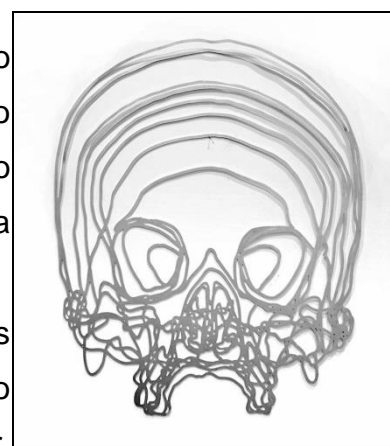


fig.25

<http://www.revistaplace.com.br/site/index.php/blog.html?start=36>

3- PRATICAS PEDAGÓGICAS

Nenhuma pratica pedagógica apresentada abaixo é totalmente inédita na minha carreira docente, mas todas, sem exceção, sofreram algum tipo de mudança, acréscimo ou adaptação. Eu segui a proposta de buscar uma metodologia clara e consciente. Levei em conta os erros e acertos de sete anos na arte educação, e revi todo o processo com olhos de pesquisador.

O plano de aula proposto abaixo tem a duração total, estimada em 24 horas/aula, dividido em três módulos, distribuídos respectivamente em três anos do ensino fundamental.

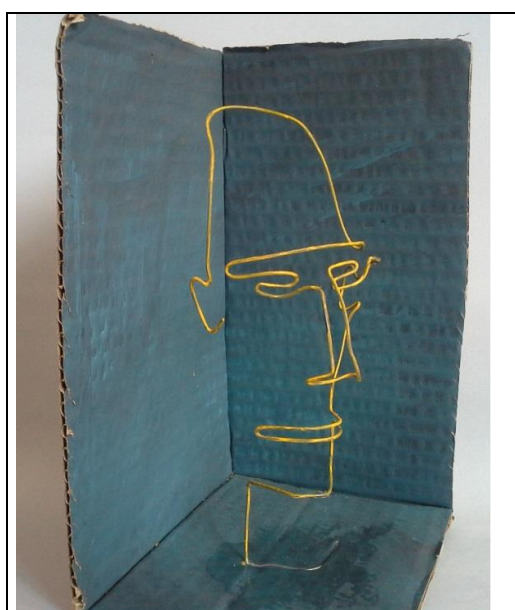
MODULO 1

As praticas que integram o modulo 1 foram escolhidas para introduzirem os alunos do ensino fundamental na prática da escultura.

São atividades que propõe maneiras intuitivas de construção tridimensional, e se apresentam como prolongamento de um tópico comumente proposto pelo CBC (Conteúdo Básico Comum) da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, geralmente trabalhado no sexto ano: Introdução à composição, cuja habilidade é o reconhecimento dos elementos de composição das obras de artes visuais. Entre eles está a linha, elemento fundamental da linguagem visual. Através da familiaridade do aluno com a linha, desenvolvida por meio de atividades pedagógicas é trabalhado a percepção e produção tridimensional.



Fig.26



Fig,27

PLANO DE AULA – Modulo 1

Conteudo	Metodologia/Descrição	Recursos didáticos	Cronograma
1.1-Produção de linha/materia	Produção de obra com linha continua, onde a linha se dá pelo aplique de barbante colorido em papelão(fig.26)	-Peça/mostruário fornecido pelo professor. - Barbante, papelão reciclado, tinta para artesanato, pincel, tesoura e cola.	1º e 2º aulas
1.2-Produção de linha no espaço	Produção de obra com linha continua, onde a linha se dá pela modelagem com arame pintado e afixado em suporte de papelão (fig.27)	-Peça/mostruário fornecido pelo professor. - Arame, papelão reciclado, tinta, papelão artesanal, pincel, alicate e cola.	3º e 4º aulas
1.3-Introdução ao relevo	Produção de obra com papelão pintado, recortado e colado, camada sobre camadas, produzindo assim, relevo, através da soma das camadas deste papelão (fig.28)	-Peça/mostruário fornecido pelo professor. - Papelão reciclado, tinta a base d'agua, cola branca e tesoura.	4º e 5º aulas.
1.4-Relevo total	Produção de obra com papelão pintado, recortado, dobrado e colado(fig.29)	Peça/mostruário fornecido pelo professor. - Papelão reciclado, tinta a base d'agua, cola branca e tesoura.	6º, 7º e 8º aulas.

Modulo 1 - Considerações

1- A pratica de Produção da linha no espaço (item 1.2) representou verdadeiramente uma novidade para meus alunos. Novidade maior que o manuseio de argila e até



Fig.28

mesmo que as esculturas geométricas feitas em papelão trabalhadas no 7º ano. No conteúdo anterior, a linha (barbante) é trabalhada tendo o plano do papelão como apoio e referência, assim como todo desenho convencional geralmente tem o plano branco do papel ou da tela. Ao manusear o arame, o aluno se depara com a linha solta e livre no espaço, tendo como referência apenas a si mesma (fig.30), o que é uma experiência inusitada para a grande maioria dos alunos .

2-Observei que, na execução deste Modulo 1, principalmente no item 1.3- Introdução ao relevo, que mesmo após a exibição de possibilidades por meio de mostruário, a maioria dos alunos não se arriscaram, , inicialmente, a trabalharem com mais de duas camadas, sendo uma delas a base e a outra simplesmente entrando como um aplique de cor, a exemplo de uma colagem tipicamente bidimensional .



Fig.29

Eventualmente uma pequena minoria (embora não aconteça em toda classe) se arrisca a trabalhar com três ou mais camadas, influenciando assim, a classe como um todo.

Tenho percebido ao longo de anos de docência em arte, que as turmas na execução das praticas, sofrem diversos níveis de influencias.

A primeira dela geralmente parte do professor que incentiva e estabelece regras e parâmetros.

Uma vez iniciada a pratica, ocorre a influencia interna.

A classe se comporta como uma micro comunidade. Alguns membros propõe uma nova abordagem superando, eventualmente, as previsões do professor. Quando isso ocorre, influencia imediatamente a turma. e, mediante a registro do professor para posteriores exposições em anos vindouros, amplia o leque de possibilidades da pratica como um todo.

Para a prática do item 1.3, confeccionei algumas obras que julgava contemplar as possibilidades plásticas da técnica. Embora uma das peças tivesse quatro camadas (fig.28), todas elas se comportavam basicamente como peças bidimensionais. Sugeriam ser exibidas e apreciadas de modo frontal. Afinal eu buscava uma maneira de dialogar com a obra bidimensional para gradualmente ir para a tridimensionalidade.

Ao trabalhar a pratica, me deparei com um grupo de quatro alunos que executaram uma obra coletiva. Apesar da pratica ser individual aceitei a proposta diante do entusiasmo do grupo.



Fig.31

Com agradável surpresa, vi surgir um trabalho que superou as expectativas, não só por se utilizarem doze camadas, como se comportou como escultura de pedestal, podendo ser visto por todos os lados ao invés de peça de parede (fig.31).

Modulo 2

O modulo 2 se divide basicamente em dois tipos de atividades; a modelagem e a construção de sólidos geométricos.

A modelagem oferece possibilidades de construção tridimensional intuitiva e direta já que a argila responde, se deformando, a qualquer gesto da mão.

Já a construção geométrica pede um exercício mental de projeção, uma iniciativa oposta à planificação. O aluno parte de uma lamina plana de papelão, projeta e levanta, por meio de corte e dobras, planos que se cruzam e se encaixam construindo o solido.

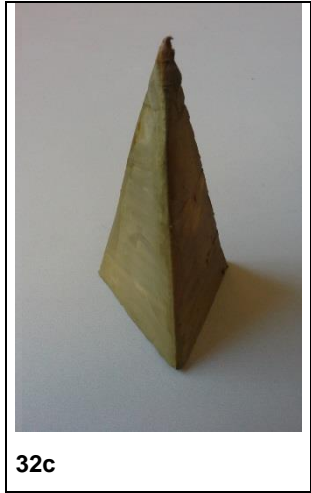
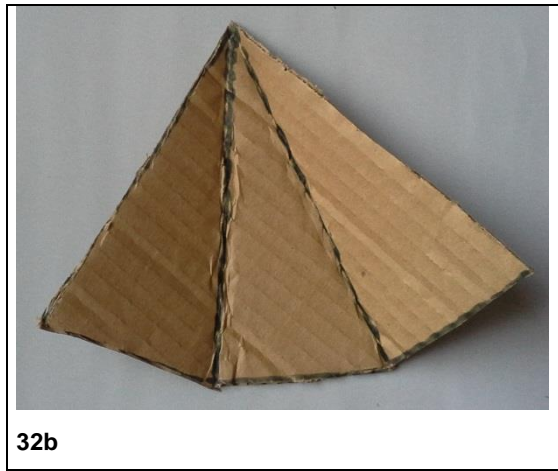
As duas atividades, numa primeira análise são independentes entre si, entretanto a primeira serve de esboço para a segunda.

Apos desenvolver habilidades necessárias para a construção concreta, é proposto ao aluno que ele use essas habilidades para a criação de uma obra pessoal. A técnica para ser mais produtora, pede que a ideia se desenvolva a partir de um projeto, e a menos que o aluno seja exímio desenhista e consiga desenvolver através do desenho, uma forma tridimensional, é conveniente que esse projeto seja esboçado por meio da modelagem.

PLANO DE AULA – Modulo 2

Conteúdo	Metodologia /Descrição	Recursos didáticos	Cronograma
2.1- Estudo dirigido -"A Escultura"	-Aula expositiva com exibição de slides e videos. (nota 1) - Texto com explanação teorica sobre as modalidades mais tradicionais da história da escultura (nota 1)	-Texto impresso - Notebook e projetor multimídia	1º e 2º aulas
2.2-Modelagem em argila	-Aula pratica com modelagem em argila.	-Agila e bomba borrifadora - Espátulas - Balde e pano para limpeza.	3º aula

2.3- Construção de sólidos geométricos	Noções de desenho geométrico. As figuras traçadas em papelão servirão como molde para construção de sólidos geométricos. Desta maneira, o triângulo dá origem à pirâmide e o quadrado, ao cubo. (fig.32a, b e c)	- Papelão reciclado, esquadros, lápis, tesoura e cola. - Texto(nota 3)	4º e 5º aula
2.4- Escultura simétrica	Atividade onde uma forma desenhada pelo aluno, se transforma em molde para a tracagem de um sólido tridimensional. (fig.33 a -d)	- Papelão reciclado, esquadros, lápis, tesoura e cola. - Mostruários(fig 33)	6º aula
2.5-Côncavo/convexo	Atividade pratica, onde o aluno, a partir de uma lamina de papelão, constrói formas côncavas e convexas.	- Papelão reciclado, esquadros, lápis, tesoura e cola. - Mostruários	7º aula
2.6- Estudo dirigido- "Arte e Geometria"	Aula expositiva com exibição de slides e videos. (nota 2) - Texto com explanação teorica sobre (nota 2)	-Texto impresso - Notebook e projetor multimídia	8º aula
2.7- Confecção de escultura geométrica	Atividade pratica, onde o aluno faz o projeto de uma forma através de modelagem em argila e executa essa forma em papelão, usando as técnicas desenvolvidas nas aulas anteriores (fig. 34).	-Argila e bomba borrifadora - Espátulas - Balde e pano para limpeza. Papelão reciclado, esquadros, lápis, tesoura e cola.	9º e 10º aulas



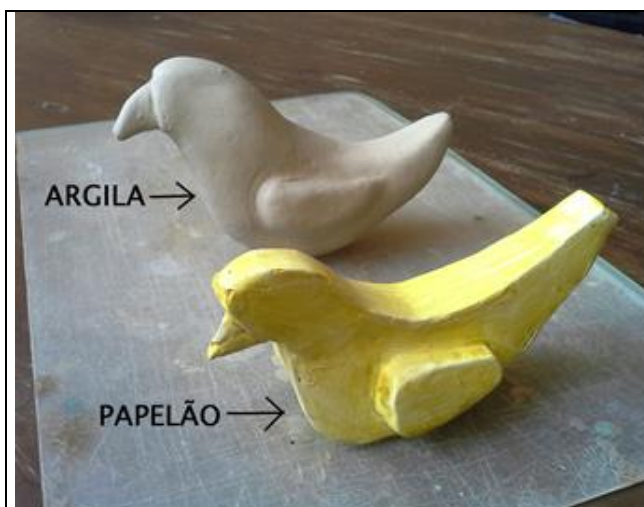


Fig.34



Fig.35

Modulo 2 - Considerações

1-Registrei por meio de fotografia, um fator que considero relevante para a pesquisa. Boa parte dos alunos envolvido no processo tem dificuldade com a construção tridimensional. Muitos constroem a forma seguindo um único plano imaginário. Limitam-se a "grafar" na argila (fig.35) ou a construírem formas onde a profundidade era pouco explorada, se resumindo a uma espessura simples e regular, como em uma medalha. Em todas as vezes que ocorreu tal fenômeno, me dei o direito de interferir, violando talvez, a total liberdade de criação do aluno, em prol de oferecê-los alternativas técnicas que julguei estar além das suas possibilidades momentâneas de escolha. Nas três turmas onde realizei tal pratica, me deparei com mais de uma dezena de casos como esse descrito. Em todos eles, os alunos não só aceitaram como desejaram essa minha interferência. Uma forma muito explorada nesses casos foi o popular ícone



Fig.36



Fig.37

"coração" (fig.36). Após minha sugestão e interferência, a grande maioria investiu numa versão mais complexa do ponto de vista tridimensional (fig.37)

2- Antes do item 2.7, onde cada aluno cria sua própria obra, senti necessidade de trazer a escultura de uma siriema, confeccionada anos antes (fig.23), para mostrar como uma forma complexa poderia ser construída da soma de outras formas simples. Desta maneira, o corpo se originou de uma escultura simétrica (como na fig 33), as asa da mesma maneira, o bico, de uma pirâmide, (como na fig 32), e assim por diante. Só a partir daí, puderam conceber suas obras por meio de uma forma que fosse o resultado da união de peças variadas.

Modulo 3

As praticas que integram o modulo 3, são as mais analíticas e "cerebrais" de todo o projeto. Não por acaso foram escolhidas para o 8º ou 9º ano do ciclo fundamental.

A proposta aqui segue para além da construção intuitiva na argila. Nesses dois itens, a forma tridimensional ao invés de se dá espontaneamente, tem que ser projetada, etapa por etapa, para se completar graças à sensação visual de continuidade.

A influência evidente para as duas atividades são trabalhos do carioca Angelo Venosa como "A baleia" (fig.17), "Caveira" (fig.25) e

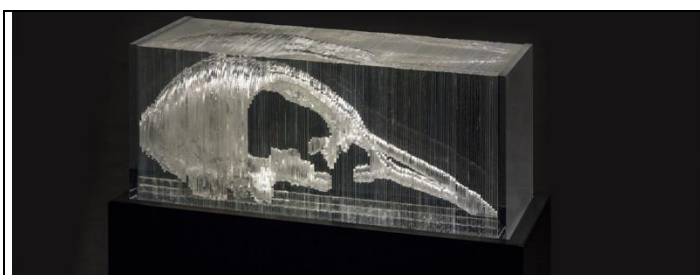


Fig. 38 - <https://www.carbonogaleria.com.br/obra/sem-titulo-2>

"Turdus" (fig. 38). Estas duas ultimas despertam especial admiração por lidarem com questões próprias da escultura de maneira física e virtual. Física, por que as obras tem de fato, altura, largura e profundidade claramente definidas, e virtual, porque elas criam um volume sugerido através da sobreposição de grafias na transparência do vidro.

Venosa, ao manipular materiais em camadas para construção de suas formas, se aproxima de certa maneira, de duas modalidades modernas de expressão artística; A história em quadrinhos e o Cinema. Esses dois fenômenos trabalham buscando auxílio na maneira como o ser humano tenta captar a realidade ao seu redor.

O cinema simula imagem em movimento, projetando sequencias de quadros estáticos a uma determinada velocidade, graças a um fenômeno da visão humana

chamada persistência retiniana, a vista conserva a imagem do quadro anterior até que essa seja substituída pelo quadro seguinte, e desta maneira a mente não deixa que a continuidade do movimento se interrompa.

(http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=551&cd_idioma=28555) /

(<http://www.infoescola.com/cinema/historia-do-cinema/>)

A história em quadrinhos, por sua vez, narra visualmente um acontecimento, por meio de cenas, que apesar de estáticas não só sugerem movimento, como também a passagem de um tempo maior ou menor, entre um quadro e outro. Novamente há aí um exercício de se completar a ação que não é mostrada explicitamente, a fim de se preservar a sensação do acontecimento.

Os trabalhos citados aqui, de Ângelo Venosa, principalmente A Caveira e Turdus, atuam na nossa percepção tridimensional, da mesma maneira que os quadrinhos e o Cinema atuam na nossa percepção temporal. A obra é composta de uma sucessão de desenhos bidimensionais no vidro, e embora existam espaços vazios entre todos os planos, ela nos convida (ou nos induz) a completar instintivamente o volume que falta para a construção do sólido.

O módulo 3 busca então, resgatar esse raciocínio de entendimento da forma, pelo processo de análise (quebra).

Quando iniciei a prática, em 2011, propus criação de esculturas laminadas como atividade subsequente à aula expositiva- item 3.3 (quadro abaixo), e à exibição do mostruário confeccionado por mim. O resultado foi insatisfatório, onde a maioria dos alunos fracassou na tentativa de criar algo que contemplasse minimamente a proposta.

Cheguei a conclusão que a atividade era muito complexa para o aluno mediano, por se tratar de um processo indireto de construção da forma tridimensional.

Decidi, portanto, usar o processo de modelagem em argila, como um "degrau" para se chegar ao processo de laminação, e nele, desenvolvi duas atividades.

PLANO DE AULA – Modulo 3

Conteúdo	Metodologia /Descrição	Recursos didáticos	Cronograma
3.1- Estudo dirigido: “A escultura contemporânea”	Aula expositiva com exibição de slides e vídeos. - Texto com explanação teórica sobre diversas tendências da escultura moderna e contemporânea (nota 3)	Texto impresso - Notebook e projetor multimídia	1º aula
3.2- Desenvolvimento do projeto através de modelagem em argila	Exibição de mostruário em papelão confeccionado pelo professor, para visualização do produto final. Aula pratica de modelagem em argila com posterior "fatiamento" da peça (fig.39a e 39b)	-Argila e bomba borrifadora - Espátulas - Guilhotina manual para argila. - Balde e pano para limpeza.	2º aula
3.3- Aula expositiva - "Formas laminadas"	Aula expositiva com exibição de slides e um vídeo da obra de Angelo Venosa (nota 4)	- Notebook e projetor multimídia	3º aula
3.4- Confecção de escultura laminada em papelão	Aula pratica de escultura em papelão. Forma laminada construída a partir das fatias da peça de argila . (fig.40a e 40b) / (fig.41a e 41b)	Papelão reciclado, lapis, borracha, tesoura e cola.	4º aula

<p>3.5- Confeção de escultura em acetato</p>	<p>-Exibição do vídeo “Anamorfico” sobre uma obra de Angelo Venosa (nota 5) -Concepção de estrutura tridimensional, a partir de desenhos ou colagens dispostos sequencialmente em laminas de acetato.(fig.42a e 42b.)/ (fig.43a e 43b)</p>	<p>Papel cartão duplex, marcador de CD, papel ofício, lápis de cor, tesoura e cola.</p>	<p>5° e 6°aulas</p>
--	--	---	---------------------



Fig.39a



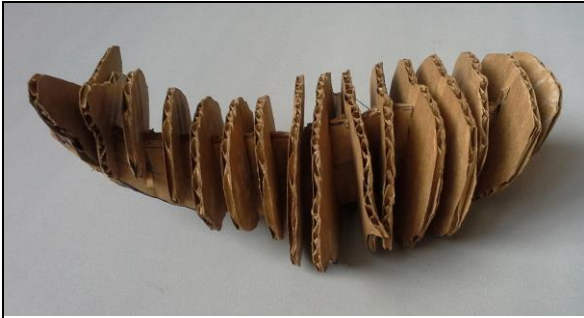
Fig.39b



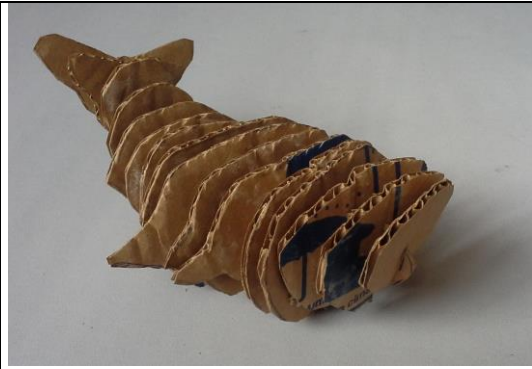
40 a



40b



41 a



41 b

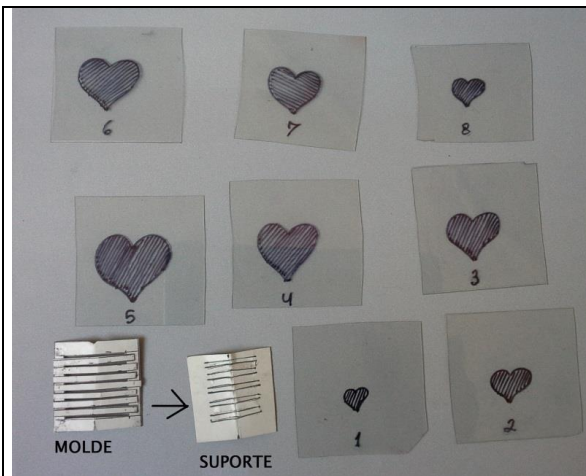


Fig.42a



fig.42b



Fig.43a



Fig.43b

Modulo 3 - Considerações

No processo de construção da escultura laminada de papelão, a transição da forma de argila para o papelão não se dá automaticamente. A operação de fatiamento da argila (fig. 39b) produz deformações, e o próprio registro das fatias de argila no papelão (fig.40a) é impreciso. No final da transposição, a forma se apresenta como uma versão grosseira da modelagem original.

O que a principio foi motivo de frustração, funcionou como estímulo de exercício estético. Após a decepção inicial, compreendi que o produto final não deveria ser um mero derivado da modelagem em argila, e sim o desdobramento de um processo onde a referida modelagem figuraria apenas como projeto inicial da forma. A própria ajustagem no papel com tesoura para definir os contornos finais, exercita a capacidade de projeção e visualização da forma tridimensional. O aluno teve a liberdade de alterar a forma final da obra.

Conclui também, que a criação do solido virtual através de desenhos no acetato, (item 3.5) se dava por métodos indiretos de raciocínio complicado demais para a maioria dos alunos. Só resolvi a questão quando trabalhei antes, o item 3.4 e então, o raciocínio de projeção das camadas lhes pareceu mais familiar.

Considerações finais

Apreendi, pelas praticas desta pesquisa, que a competência para a construção tridimensional não é uma capacidade pronta para ser usada pelo aluno, que ele a acessa quando quer. Em muitos casos, ela precisa ser desenvolvida, através do desafio do fazer, onde a interferência do professor é fundamental.

Nas três séries subsequentes em que trabalhei com escultura, percebi, em atividades diversas, a dificuldade para se produzir formas que se projetassem significativamente no espaço a sua volta.

Nas esculturas em arame, onde trabalhei a linha no espaço, percebi que uma parcela significativa dos alunos criavam formas inscritas num único plano imaginário (fig43).

Na mesma série, durante a prática de introdução ao relevo, (item 1.3 do plano de aula) percebi a tendência a se utilizar apenas duas camadas de papelão, uma servindo de base e outra como aplique, a fim de se criar uma leitura bidimensional para obra construída.

Somo a isso, a observação feita, referente à modelagem em argila (Pg.38). Nesses casos, e como já tinha relatado anteriormente, percebi que uma interferência direta do professor no trabalho do aluno, geralmente traz alguma elucidação ao mesmo.

Em vários casos onde os trabalhos com arame estavam excessivamente "planos", usei dar uma leve deformada de maneira que ganhassem um pouco mais de profundidade. Ofereci tal possibilidade ao aluno, sempre tomando cuidado para que a deformação fosse reversível, caso não estivesse de acordo com o desejo dele.

Também no trabalho com papelão, procurei

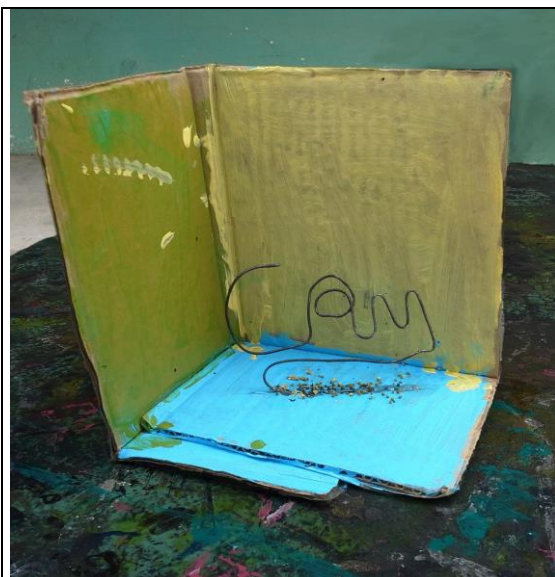


Fig.43

dar conselhos incentivando a adição de mais camadas sempre que possível.

Não é o objetivo deste trabalho se aprofundar numa investigação cognitiva ou psicomotora sobre o processo de construção tridimensional, mas vai aqui uma reflexão a partir das minhas vivências de professor, que julgo relevante.

Com o passar dos anos, o aluno jovem e adulto se afasta consideravelmente de qualquer produção que não seja a gráfica textual, principalmente nesses tempos de internet, tablets e smartphones, onde o texto digital tem substituído parte da comunicação verbal a distancia.

E nesse contexto, a escultura representa um contraponto, como experiência estética, frente à imagem plana /virtual. Oferece experiência pela artesanaria, mas como já foi dito antes, não voltada para o mero adestramento artesanal, mas para a própria capacidade de construção espacial.

Um rabisco no papel se sustenta pela própria natureza do rabisco e pela própria natureza do papel. Já uma linha no espaço feita de arame precisa conquistar o equilíbrio contra a gravidade. Como equilibra-la, como fixa-la? Como comparar, medir e encaixar? É ai que entra a atuação do professor, que deve interferir contribuindo com suas experiências pessoais que vão além do conteúdo ministrado.. Ao analisar o resultado das oficinas de maneira distanciada, percebi que, enquanto o conteúdo do modulo 1 e a modelagem em argila introduzem o aluno no processo de

construção tridimensional, os conteúdos dos módulos 2 e 3, sofisticam esse processo.

Nessas práticas, há, inevitavelmente, a união da arte com a matemática. Não só na geometrização do módulo 2, como no processo de comparação entre formas para se conseguir o efeito da continuidade do módulo 3, como numa progressão geométrica.

Conclusão

Por saber que nenhum método de ensino em nenhuma disciplina consegue total eficiência e unanimidade na sua abrangência, é que considero extremamente positiva o resultado da proposta. Ela conseguiu, em linhas gerais, progresso significativo na maioria das turmas. Produziu resultados criativos entre os alunos mais inventivos e progresso razoável para boa parte dos alunos que não apresentavam desenvoltura inicial para a criação tridimensional. E por fim, contribuiu para deixar mais próxima do aluno, não só a escultura, mas a arte e vários dos seus movimentos.

NOTAS

Nota 1

Noções gerais sobre escultura em texto e slides abordando os seguintes tópicos:

- * Definição de escultura enquanto modalidade artística
- * Diferença entre Cinzelagem e Modelagem
- * Cinzelagem : Escultura em pedra e um breve histórico; Escultura em madeira e um breve histórico.
- * Modelagem : do processo de forma ao bronze.

Nota 2

Texto e sequência de slides abordando o estruturalismo na arte do século XX , com os seguintes tópicos :

- * Suas raízes históricas - Paul Cezanne e o cubismo.
- * Sua influência na arquitetura e no design
- * Grandes esculturas internacionais e brasileiros do século XX e XXI : Naum Gabo, Vantongerloo, Jacques Villon, Brancusi, Brecheret, Franz Weissmann e Amílcar de Castro

Nota 3

Texto e sequência de slides abordando várias tendências da escultura no século XX e XXI, com os seguintes tópicos :

- * Um breve histórico da escultura dentro da história da arte.
- * Abandono da representação realista e da própria função de representação da escultura moderna.
- * Foco nas tendências contemporâneas da escultura através das obras de Brancusi, Henry Moore, Vantongerloo, Bruno George, Tomie Othake, Amílcar de Castro, Angelo Venosa e César Badalccini.

Nota 4 – Vídeo : Angelo Venosa, Catálogo, de Marcos Ribeiro, disponível no site-
<http://www.youtube.com/watch?v=q3NntmKHa38>

Nota 5 – Vídeo : Anamórfico - Angelo Venosa, disponível no site -
<http://www.youtube.com/watch?v=tNXrC0982ao>

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Anamórfico - Angelo Venosa, vídeo disponível no site -
<http://www.youtube.com/watch?v=tNXrC0982ao>

Angelo Venosa, Catálogo, de Marcos Ribeiro, Video disponível no site-
<http://www.youtube.com/watch?v=q3NntmKHa38>

BARBOSA, Ana Mae (org.)- ***Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte***,
2ª edição. São Paulo : Cortez , 2003

CANTELE, Bruna R. , ***Arte, etc. e tal. Ensino Básico de Educação Artística. Volume 4***. São Paulo, IPEB, 1993

WITTKOWER, Rudolf – ***A ESCULTURA***, São Paulo, Martins Fontes, 1989. 300p

GOMBRICH, E.H., ***A Historia da Arte***, Rio de Janeiro, LTC, 1995. 688P

A ESCULTURA, Texto disponível no Site :
<http://www.cccv.org.br/galeria/vilar/escultura.htm>> Acesso .4 set 2013.

LYNTON, Norbert – ***O Mundo da Arte/ Arte Moderna*** , Brasil, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações LTDA, 1978. 174p

JeanArp,- texto disponível no site : -
http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/abstracao/jean_arp/index.html > Acesso .6 set 2013.

Max Bill, texto disponível no site :
http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/max_bill/index.html> Acesso .6 set 2013.

Enciclopedia itau de artes visuais : Venosa Angelo – texto disponível no site :
http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=551&cd_idioma=28555

História do Cinema - Texto disponível no site -

<http://www.infoescola.com/cinema/historia-do-cinema/>